

UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA TRABALHO COM O NÍVEL LEXICAL

CERVIERI, Lucivani¹
PARREÃO, Madalena Regina Garcia²

Resumo - Esse artigo é resultado de uma atividade investigativa sobre trabalho com o nível lexical em aulas de língua materna, uma vez que se identificou pouca variedade lexical nos textos de alunos de 9º ano, e, para tal, desenvolveu-se uma sequência didática com intuito de priorizar um vocabulário mais aprimorado e amplo. Depois das refacções realizadas, notou-se a necessidade de trabalho conjunto com atividades metodológicas diversas para auxiliar o educando na busca e construção da escrita, e assim permitir a sua inserção social enquanto cidadão.

Palavras-chave: Produção textual, Sequência didática, Nível Lexical.

Introdução

Comunicar-se além de fazer com que o homem seja um ser social e cultural, também é essencial à vida cotidiana, com abrangência de atividades que envolvam desde o lazer até as de cunho profissional, contudo, para que se efetive sem ruídos que tornem incompreensível a comunicação, existe a necessidade de saber se expressar adequadamente dependendo da situação, do contexto, da intenção comunicativa, do suporte, do interlocutor, entre outros fatores.

Com esse entendimento, o desenvolver da comunicação é uma das competências da qual a escola deve se preocupar, fornecendo subsídios para o crescimento e a superação de barreiras que podem aparecer. Já ao educador, é imprescindível que seja por essência um estudioso, cabe a reflexão e a decisão de quais as melhores alternativas para o alcance de determinados objetivos, sempre considerando o contexto ao qual se insere a unidade escolar como um todo.

Entretanto, o que se verifica é que mesmo o léxico sendo integrante do ser humano desde o início da aquisição da fala, as produções textuais, no ensino básico, geralmente apresentam construções com poucos vocábulos, além da presença de muitas repetições. E como o léxico é um conhecimento que pode e deve ser aumentado pelo resto da vida, cabe à escola, enquanto uma das principais agências de letramento, promover esse crescimento para a devida inserção do indivíduo em sua comunidade de fala e para a vida em sociedade.

¹ UNEMAT, *Campus* de Sinop-MT, mestre pelo PROFLETRAS. Docente na Escola Estadual Papa João Paulo II-Itaúba-MT. *E-mail:* lucivanicervieri@hotmail.com.

² UNEMAT, *Campus* de Sinop-MT, mestre pelo PROFLETRAS. Docente na Escola Estadual Anísio José Moreira – São José do Rio Claro-MT. *E-mail:* madajusc@gmail.com

Dessa maneira, esse artigo nasceu do estudo teórico da disciplina “Gramática, Variação e Ensino” em conjunto com a pesquisa-ação, cuja realização consistiu em uma atividade de intervenção, tendo como pressuposto metodológico os conhecimentos da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), uma vez que, depois da realização de uma produção textual dissertativa/argumentativa inicial, as pesquisadoras refletiram sobre o ensino de nível lexical, seu real ensino nas unidades de ensino formal, a urgência de sua efetiva implantação e nas metodologias que abarquem tal assunto.

Esse artigo tem como objetivo socializar a proposta e os resultados de um trabalho de intervenção realizado em duas escolas estaduais de Mato Grosso, uma localizada na cidade de São José do Rio Claro e outra em Itaúba, que teve como reflexão a análise do nível lexical em produções de textos de alunos de 9ºs anos, antes e depois de realizadas as atividades planejadas em uma sequência didática.

Algumas Reflexões Acerca da Sociolinguística

O tempo é implacável, e promove modificações constantes na vida em sociedade mesmo que inicialmente imperceptíveis, e entre os que sofrem essas metamorfoses encontra-se o ser humano. Tais mudanças o atingem de diferentes maneiras, em sua vestimenta, hábitos alimentares, religião, e a que mais interessa a esse trabalho, as transformações ocorridas na língua.

O falar, ou seja, a linguagem que é inerente ao ser humano sofre transmutações não só por critérios históricos e culturais, mas também de acordo com a região, a idade/faixa etária, o gênero/sexo, a posição social, a escolaridade, a situação comunicativa, o grau de monitoramento, entre outros fatores que contribuem para que a comunicação se torne cada vez mais dinâmica e flexível e varie de acordo com as situações comunicativas em que o falante se encontra.

Embora seja evidente e inevitável a relação entre língua e sociedade, as mudanças nem sempre se efetivam de maneira óbvia e livre de preconceitos e estereótipos, mesmo porque até a atualidade ainda há quem pense na uniformidade linguística, concedendo soberania ao ensino da gramática tradicional e suas normas padronizadas, o que se configura um equívoco e distancia cada vez mais o ensino de Língua Portuguesa das escolas públicas brasileiras da realidade da língua falada pelos alunos e professores em seus contextos comunicativos diários.

Entretanto, o que não se pode negar é que, se a sociedade é múltipla, as normas linguísticas assim também serão, porque agregam não só um conjunto de formas linguísticas, mas um agrupamento de valores socioculturais correlacionados.

O sociolinguista Marcos Bagno (1999) justifica o uso dos termos variedades linguísticas prestigiadas (pertencentes a pessoas com maior renda, mais escolaridade e geralmente moradores da zona urbana) e as estigmatizadas (cujos seres humanos possuem rendas menores, menos escolaridade e ocupam como moradia as zonas mais rurais). Ainda acrescenta o evidente caráter apreciativo envolvido na questão das variedades, imposto socialmente com a superavaliação da cultura escrita, o que gera a noção de “erros” e o preconceito linguístico. A esse respeito o referido autor afirma:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p.40).

Deste modo, o preconceito linguístico se efetiva quando uma língua se torna suporte de veiculação de exclusões, e o conceito de ‘erro’ acaba por gerar desigualdades sociais, pois trata as diferenças como deficiências, o que colabora para o aumento de índices de fracasso e evasão escolar, visto que o estudante não encontra na sala de aula ambiente favorável à sua aprendizagem, mas sente-se como um estranho que não fala ou escreve de acordo com o que a escola espera dele.

Sendo assim, a noção de “erro”, por vezes muito enfatizada pelo professor, atribui prestígio excessivo ao conceito de ‘certo’, não valorizando aquilo que a Sociolinguística entende como uma variedade da língua, inclusive com estudos que visam o combate ao estigma associado à variantes de pouco prestígio social.

De acordo com os conceitos de Bortoni-Ricardo (2004), o ‘erro’ pode ocorrer de forma oral ou escrita, possui características opostas e, conseqüentemente, deve ser tratado de maneira diferente nas unidades escolares. Sendo os primeiros, os orais, variações que o próprio falante lança mão nas diversas situações interacionais; já os ‘erros’ de escrita devem ser vistos como hipóteses levantadas na tentativa de registrar a língua. Quanto à correção nas unidades escolares, deve ocorrer de acordo com a variedade exigida naquele contexto de produção, sendo assim o gênero textual de extrema importância

A referida autora relata ainda que “Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.38).

Para desmitificar as noções estereotipadas de “erro”, a Sociolinguística aponta como fundamental estudar as diferenças presentes nos falares de cada estudante, levando-se em conta sua cultura, situação social, faixa etária, sexo, entre outros, assim como divulgá-las adequadamente para que possam ser consideradas no âmbito escolar e respeitadas socialmente, conforme se explica a seguir.

A Sociolinguística e o Ensino Escolar

As unidades escolares, espaço em que ocorre o ensino formal, também são locais onde convivem diferentes saberes e culturas e para que ocorra um ensino laico, democrático e, com bases à formação de sujeitos críticos e reflexivos, existe a necessidade de que os educadores passem, ao longo de sua vida profissional, por processos de formação continuada e tenham conhecimento de diferentes estudos para que assim escolham metodologias mais eficazes e fundamentem de maneira coerente suas práticas pedagógicas, de modo a compreenderem melhor as evoluções por que passam o ensino da língua materna.

Dentro deste contexto é válido que os educadores sejam conhecedores de conceitos linguísticos e sociolinguísticos, para que assim possam ser mediadores no processo de ensino/aprendizagem de saberes que envolvem a linguagem em sala de aula, compreendendo-a como meio de interação social imprescindível à vida humana e à construção da cidadania. Entendimento este presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, cujo documento deixa claro, a necessidade de trabalho com a diversidade linguística, vista como um meio de ampliar a competência discursiva.

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio de análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1998, p. 27).

Esse orientativo educacional ainda ressalva que o aluno deve fazer as escolhas que são importantes para que o falante marque seu papel social e que adéque sua fala à função desempenhada em cada situação interacional. É evidente, na escrita, a preferência pela utilização da palavra ‘adequado’, descartando a ideia de ‘erro’ ainda tão presente, infelizmente, no cotidiano cultural do povo brasileiro, pois

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade da língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...] (BRASIL, 1998, p. 31).

O documento destaca ainda que o aluno deve ter contato com a diversidade linguística com o objetivo de ir além de entendê-la, mas que também saiba utilizá-la nas diversas situações de uso real. Além do exposto, o trabalho com gêneros textuais diversos possibilita a sensibilização do aluno, até mesmo pelas características intrínsecas de cada texto, onde se encontram presentes as variedades linguísticas, sejam nos textos orais ou escritos, porque permitem que se trabalhe a língua em seu uso concreto, em situações de prática social onde a interação entre os sujeitos e o texto se efetiva de fato.

O nível Lexical e o Processo de Ensino e Aprendizagem da Língua

O Brasil, por suas dimensões geográficas, pode ser considerado um “país continental”, e desta maneira é inevitável que ocorra a existência e a convivência de diferenças peculiares tanto sociais, quanto culturais. Dentre essas especificidades, a linguagem é um dos fatores que merecem atenção especial, sendo a reflexão sobre os processos de variação linguística uma prática necessária e urgente a ser realizada nas escolas brasileiras.

Nada menos amplo, também, é o fenômeno da variação com seu leque de diferenças dialetais e que se manifestam em diferentes níveis: morfológico, sintático, discursivo e lexical. No plano morfológico, a forma de uma palavra varia conforme seu gênero ou a sua flexão, isso ocorre na Língua Portuguesa muitas vezes ao usarmos o plural e se percebe que as terminações variam em ão para ões ou ães.

O nível sintático está relacionado à construção frásica ou à regência de um verbo, concordância, colocação diferente dos pronomes oblíquos; uso da preposição em com verbos de movimento: chegar na, ir na...; emprego de ter em lugar de haver...

Ao se analisar o nível discursivo, encontra-se inevitavelmente diante da questão de como a língua é utilizada em diversos contextos de comunicação e interação, e como a linguagem ganha aspectos diferentes de acordo com a intencionalidade, grau de escolarização, contexto histórico etc.

Quando há referência ao nível lexical, a variação acontece quando a mesma realidade é designada por vocábulos diferentes, de acordo com os costumes e demais influências sofridas por determinada região ou grupo de falantes, por exemplo: o objeto nomeado como pipa no Mato Grosso recebe o nome de pandorga, cafifa, papagaio, quadrado, piposa no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, arraia ou pepeta em estados como Acre e Amazonas.

Tomando por base o contexto escolar, enquanto professores de Língua Portuguesa, é preciso entender que há muitos aspectos relacionados à linguagem que devem ser analisados antes de se classificar os usos da língua como adequados ou inadequados, uma vez que as variações linguísticas possuem uma explicação dentro do sistema e processo evolutivo da língua e que podem ser trabalhados em aula, para que, partindo-se da maneira própria da fala dos alunos, possa se compreender as escolhas lexicais, e assim evitar possíveis preconceitos linguísticos em sala de aula.

É necessário dessa forma, entender que a língua é viva, é a base cultural e social de interação entre os indivíduos, cujos comportamentos se mesclam e se modificam com o passar dos tempos, o que, conseqüentemente, obriga a linguagem a também ser dinâmica e mutante, uma entidade complexa onde léxico e gramática se integram e interdependem, por essa razão as aulas de Língua Portuguesa não devem se restringir ao ensino da gramática, pois é na variação linguística que se reconhece o quanto a língua é rica e o quanto tem a oferecer.

Além da gramática, toda língua possui um léxico, que vai além apenas de uma lista de palavras da qual o falante lança mão ao se comunicar como base para a construção de sentidos, porque através desse ocorrem as marcas sociais e culturais de cada época, a percepção de que cada indivíduo pertence a uma comunidade linguística em época distinta. A esse respeito Antunes argumenta que:

[...] É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo. Por isso é que o léxico expressa, magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidade: como indivíduo e como membro pertencente a um grupo. (ANTUNES, 2007, p. 42 e 43).

Pode-se entender as funções que o léxico possui dependendo da interação social nos textos elaborados. Uma delas é a de unidade de sentido, ou seja, a escolha das palavras é

responsável pela construção do sentido que se quer atribuir ao texto, e serve como elo que amarra as partes que o constituem. Outra função atribuída ao léxico é a de unidade de nexos, cujas organizações combinadas são responsáveis pela coesão e coerência do enunciado.

Ainda há de se destacar que esse nível também define os usos prestigiados ou não da língua, situações em que, dependendo da escolha vocabular realizada pelo falante em determinado contexto, sua fala pode provocar interpretações inadequadas e causar desde o riso, até ao preconceito em relação a sua linguagem, deixando claras mais uma vez a importância e urgência das escolas em desenvolverem um trabalho com o vocabulário de maneira a não só se respeitar as variedades, mas também de dar subsídios ao aluno para que, com um leque de opções a seu dispor, possa fazer uso dele de acordo com a situação exigida, já que é pelo léxico que se “[...] exprime melhor a diversidade material, ideológica e a mobilidade das estruturas sociais, através do aparecimento de novos itens ou através da atribuição de novos significados aos já existentes.” (SAGUATE, 2012, p. 143-144).

Assim, fica evidente que quanto mais situações de ensino que envolvam o trabalho com o nível lexical, maiores serão as chances do indivíduo de ampliar seu conhecimento vocabular, o que mitiga a exclusão pelo processo de interação social entre os sujeitos, cuja redução lexical, muitas vezes, tira o direito de acesso a informações na complexa teia de atividades verbais necessárias à convivência em sociedade.

Contexto de Pesquisa e Análise dos Dados

Este trabalho teve como pressuposto metodológico a organização de atividades através de sequência didática embasada nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e o *corpus* escolhido para a pesquisa foi constituído por um conjunto de quarenta (40) textos produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental de duas escolas estaduais, situadas em diferentes municípios: São José do Rio Claro e Itaúba, ambas em Mato Grosso.

As atividades foram realizadas em oito aulas e se iniciaram com a proposta de produção de um texto argumentativo sobre o tema: “Qual o papel da internet na comunicação entre as pessoas”. Os textos foram recolhidos e corrigidos, destacando-se as questões relacionadas às escolhas lexicais, repetições de palavras, termos utilizados para se referir a internet, neologismos e termos regionais. Todas as palavras de cada texto foram contadas, desconsiderando-se o uso de preposições, conjunções e artigos, sendo que do total de palavras de cada texto separou-se as repetições para se chegar ao número exato de léxicos utilizado por

cada aluno, de modo a se conhecer o leque de palavras que os estudantes têm conhecimento e de que forma são capazes de expressarem a sua opinião sobre determinado tema sem repetirem o mesmo termo.

Levou-se para a aula seguinte dois textos argumentativos produzidos por alunos do 6º ano que traziam o mesmo tema, com o auxílio do projetor de imagens, realizou-se o trabalho de refacção coletiva dos textos, atentando-se para questões de estrutura, acentuação e ortografia das palavras, e principalmente às de variedades lexicais e uso de termos regionais utilizados nas produções. Nessa atividade fez-se todo o esforço possível para que cada aluno pudesse sugerir e opinar sobre algum aspecto relevante para a reescrita do texto projetado. Ao final, foi entregue a cada um a versão original do texto digitado e pedido para que os estudantes copiassem ao lado a versão refeita, de modo que pudessem observar as alterações realizadas e a melhoria pela qual o texto passou após a refacção.

No encontro seguinte, abordaram-se questões relacionadas à estrutura do texto argumentativo, destacando-se a importância da utilização de advérbios, preposições e conjunções na conexão das ideias e mostrando-se a relevância da utilização desses elementos para estabelecer a coerência e coesão dos textos de opinião.

Após esse trabalho de reflexão linguística iniciou-se, com a utilização do *google* dicionário de sinônimos, a atividade de refacção dos textos que os próprios estudantes haviam produzido. Aconteceu no laboratório de Informática Educacional (LIED), momento em que cada aluno recebeu seu texto corrigido e a partir da pesquisa e da utilização de uma lista de elementos coesivos (conjunções, preposições, advérbios) foi reescrevendo o seu texto e buscando melhorar a sua produção a partir dos apontamentos realizados pelas professoras, cujo momento permitiu a oportunidade de tirar dúvidas e reconstruir suas ideias utilizando-se das ferramentas digitais disponíveis na *web*.

Com as refacções em mãos, recontaram-se as palavras dos textos, analisando-se a estrutura e pode-se constatar que houve uma melhora significativa nas produções, uma vez que as repetições quase não aconteceram e os textos foram, na maioria dos casos, totalmente reestruturados, tornando-se bem mais claros e coerentes, como exemplificado nas tabelas abaixo, em que se apresentam, de um total de quarenta (40) textos a análise e amostra de dez (10) textos de cada escola, a quantidade de léxicos utilizados pelos alunos na redação inicial, as repetições presentes em cada texto e a mesma contagem realizada após a atividade de refacção.

TABELA DE PRODUÇÕES DE TEXTOS 01 – TURMA 9º B MATUTINO – ESCOLA ANÍSIO JOSÉ MOREIRA – Professora Madalena Garcia Parreão

Texto	Total de léxicos produção inicial	Total de repetições	Total de léxicos após refacção	Total de repetições após refacção
1	65	06	64	Não houve
2	74	18	75	Não houve
3	53	10	67	Não houve
4	122	32	90	02
5	107	09	64	04
6	122	55	110	03
7	125	11	123	03
8	78	08	69	Não houve
9	73	14	95	02
10	103	26	104	06

Fonte: autoras

TABELA DE PRODUÇÕES DE TEXTOS 02 – TURMA 9º B MATUTINO – ESCOLA PAPA JOÃO PAULO II – Professora Lucivani Cervieri

Texto	Total de léxicos produção inicial	Total de repetições	Total de léxicos após refacção	Total de repetições após refacção
1	106	19	106	Não houve
2	108	11	100	4
3	181	57	165	9
4	107	9	116	4
5	84	5	75	2
6	126	37	130	11
7	118	31	78	Não houve
8	132	43	72	2
9	94	21	56	1
10	77	12	73	2

Fonte: autoras

Considerações finais

A necessidade de comunicação fez do homem uma espécie diferente, sendo hoje um processo natural e inerente, no qual se partilham informações, desejos, ideias, enfim, a vida em sociedade. Esse ato tornou-se tão imprescindível ao ser humano que aquele que não consegue se fazer entender eficazmente acaba de alguma forma sendo excluído socialmente.

Com base nessas informações, já se pode fazer a constatação de quão urgente é o trabalho com o nível lexical nas unidades escolares, cujas instituições durante anos deixaram

para este ensino um lugar periférico, com trabalho de memorização de palavras isoladas de seu contexto social e semântico, limitando o aluno da percepção da amplitude de sua significação, fator contribuinte para a dificuldade em ampliar, utilizar no sentido adequado e ampliar a variedade lexical.

Importante ressaltar que cada grupo de pessoas apresenta um vocabulário próprio, pois cada grupo pertence a uma comunidade que possui sua linguagem e cultura que divergem de outras, conhecimento que esse trabalho procurou respeitar durante o processo de ensino e aprendizagem.

A partir da intervenção aplicada e do estudo apreendido, comprovou-se a importância do léxico nos propósitos comunicativos, sejam esses educativos e/ou na sua diversidade de usos sociais, e, portanto, deve ocupar papel de destaque no ensino escolar, pois, além de contribuir para a melhoria do domínio da ortografia, também permite compreender a história e a visão de mundo dos alunos.

Ao educador, mediador no ensino lexical, é função sua ser contribuinte no entendimento de que a ampliação e variedade de vocabulário permitem maior capacidade de expressão e compreensão do mundo, mas, para tanto, esse profissional precisa estar preparado teoricamente, ter objetivos claros e uma metodologia que abarque o pensar, a reflexão, o questionamento.

O trabalho envolvendo a sequência didática, com temática principal sobre o nível lexical, constatou que os métodos de ensino de vocabulário, dicionário de sinônimos e refacção textual, quando pensados, planejados e aplicados de maneira adequada em sala de aula trazem contribuições reais não só para a compreensão textual, mas para o aperfeiçoamento de habilidades e de competências da escrita de textos.

A DIDACTIC SEQUENCE PROPOSAL FOR LEXICAL LEVEL WORK

Abstract - This article is the result of an investigative activity on lexical work in mother tongue classes, since little lexical variety was identified in the texts of 9th grade students, and, for this purpose, a didactic sequence was developed with the purpose of prioritizing a better and broader vocabulary. After the repairs carried out, it was noted the need to work together with various methodological activities to assist the student in the search and construction of writing, and thus allow their social insertion as a citizen.

Keywords: Textual production. Following teaching. Lexical Lev.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.) *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Lucia Aparecida Albuquerque. *O trabalho com a variação linguística: uma proposta de sequência didática para o ensino médio*. Anais do SIELP, v.2, n., 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

DOLZ, B.; NOVERRAZ, M. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de R. Rojo e G. L. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. *Revista Work. pap. linguíst.*,10(1), Florianópolis, jan. jun., 2009.

SAGUATE, Artinésio Widnesse. Variação lexical e sintática na produção escrita formal, em português, dos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane- Moçambique. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2): p. 739-754, maio-ago 2012.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 25 de junho de 2019